

# Livro narra resistências indígenas na época da ditadura

- Obra do jornalista Rubens Valente que será lançada hoje associa o período militar a casos de extermínios de etnias

**Leonencio Nossa** / BRASÍLIA

É o roteiro de um filme que mostra generais nos gabinetes de Brasília e peões nas cabines de tratores na selva num mesmo momento. Neste cenário, o livro *Os fuzis e as flechas, história de sangue e resistência indígena*

na ditadura (Companhia das Letras), do jornalista Rubens Valente, associa figuras centrais do período militar a extermínios na floresta.

O livro será lançado hoje, com um debate entre o autor, repórter da *Folha de S. Paulo*, Heloisa Starling, organizadora da coleção *Arquivos da Repressão do Brasil*, e Beto Ricardo, do Instituto Socioambiental, na Livraria da Vila em São Paulo.

Na obra, Valente trata de mortes de índios, à época do avanço da BR-174, no Amazonas. No período, os uaimiris-atroaris pro-

tagonizaram uma das mais intensas resistências civis à ditadura. Nos anos 1970, o regime jogou ali empreiteiros, soldados e funcionários públicos sem vivência na mata.

Segundo o autor, os sertanistas Gilberto Figueiredo e José Porfírio de Carvalho fizeram um pacto para impedir a “trágica pacificação”. Diante do apelo para suspender a obra, o general Gentil Paes, chefe do canteiro, deu ordens para a tropa atirar no caso de o “mato mexer”.

O coronel Altino Berthier Brasil relata 40 a 50 índios mortos

## ● OS FUZIS E AS FLECHAS, HISTÓRIA DE SANGUE E RESISTÊNCIA INDÍGENA NA DITADURA

**Autor:** Rubens Valente

**Editora:** Companhia das Letras

**Preço:** R\$ 69,90 (482 páginas)

**Lançamento:** Hoje, às 19h30, na Livraria da Vila (Rua Fradique Coutinho, 915)



por “encontros armados”. “Nunca houve ordem para matar. Havia reação em contatos de surpresa, que obrigava cada um a puxar a sua arma”, disse.

Com documentos inéditos, a obra funde a história do poder central com a dos índios. Assim, massacres se intercalam a ações dos generais Castelo Branco, Costa e Silva, Garrastazu Médici, Golbery do Couto e Silva e Albuquerque Lima.

Ao **Estado**, Valente destacou a vitória dos índios sobre a ditadura. “Registrou-se entre etnias um bem-vindo aumento

populacional. Ao mesmo tempo, conflitos agrários deixaram de ser resolvidos a contento.”

“Em reação, os índios se organizaram e são protagonistas de seu destino, participando da vida educacional do País, alcançando lugares na administração pública e na academia.”

Ele afirma que houve recrutamento de forças anti-indígenas. “O índio vive momentos de tensão com ameaças sobre os seus direitos, em especial o direito à terra, patrocinadas por parcelas do Congresso, do agronegócio e do Judiciário. Ironicamente, o índio sobreviveu à ditadura, aos trancos e barrancos, mas a democracia não foi a sua redenção.”